



1968 EM MANCHETE: NOTÍCIAS DE PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL
GAZETA DO POVO

GT17: História da Comunicação

Layse Pereira Soares do Nascimento

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Brasil

p.layse@hotmail.com

Objetivos

Verificar a seleção de acontecimentos e fatos considerados relevantes pelo jornal paranaense *Gazeta do Povo*, e apresentados ao seu público como manchetes principais, publicadas em 1968. Identificar se as manchetes principais que ocupam a primeira página priorizam assuntos locais, estaduais, nacionais ou internacionais, e, suas fontes produtoras: agências de notícias ou redação do periódico.

Metodologia

A partir da pesquisa documental em 220 edições do jornal *Gazeta do Povo*, no ano de 1968, foram relacionadas e analisadas as manchetes com base nas teorias do jornalismo e da memória. Refletir sobre os fatos registrados na manchete principal do jornal *Gazeta do Povo* no ano de 1968 implica em fazer algumas abordagens: definir o que é notícia, os critérios de seleção, de noticiabilidade, as questões técnicas de distribuição e localização da notícia na página, e a função das agências de notícias, responsáveis pela produção e envio de grandes

quantidades de material jornalístico para diferentes veículos em várias partes do mundo.

Resumo

Os acontecimentos internacionais e nacionais, ocorridos durante o ano de 1968, contextualizam a discussão deste estudo que tem o jornal paranaense *Gazeta do Povo* como objeto central de investigação. Edições microfilmadas do jornal, disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa que teve como objetivo verificar a seleção de acontecimentos e fatos considerados relevantes pelo jornal paranaense, e apresentados ao seu público como manchetes principais, publicadas em 1968. O levantamento realizado em 220 periódicos revelou que 137 das manchetes principais publicadas em 1968, priorizaram os acontecimentos internacionais e destas, pouco mais de 59% valorizaram iniciativas e realizações desencadeadas pelos Estados Unidos. Os resultados da pesquisa documental foram analisados com base nas teorias do jornalismo e da memória¹.

Introdução

Os acontecimentos internacionais e nacionais, ocorridos durante o ano de 1968, contextualizam a discussão deste estudo que tem o jornal paranaense *Gazeta do Povo* como objeto central de investigação. Em meio aos movimentos sociais pela liberdade, contestação à ditadura, manifestações contra guerras e invasões, greves, conflitos de rua e confrontos entre as forças de segurança e civis, o homem parte em viagem à lua e o presidente brasileiro decreta o Ato Institucional

¹Este artigo é uma síntese do capítulo de mesmo nome aceito para ser publicado no livro *Imprensa e História: estudos de hegemonia*, Coleção História, pela Edunioeste, Cascavel.

nº 5. Na primeira página da *Gazeta*, estas histórias são contadas em capítulos, fragmentadas e muitas vezes desconexas.

Pelas manchetes principais, no alto da página, passaram os primeiros transplantes realizados no mundo, discussões de paz, derrubada de governos, ameaças traduzidas como advertências, a queda de braço entre as potências EUA e URSS, e muitas mortes não anunciadas. Edições microfilmadas do jornal, disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná possibilitaram o desenvolvimento desta pesquisa que teve como objetivo verificar a seleção de acontecimentos e fatos considerados relevantes pelo jornal paranaense, e apresentados ao seu público como manchetes principais, publicadas em 1968.

Fernandes e Santos (2010), a partir da leitura da *Gazeta do Povo*, reelaboram 90 anos da história e memória do jornal. Quando o assunto é a cobertura internacional, dão pistas importantes sobre a quantidade e a frequência da publicação dos temas estrangeiros em suas páginas. Sobre a corrida espacial, por exemplo, afirmam:

Não raro o assunto ganhava a primeira página, fazendo da turma da Nasa gente tão popular quanto os garçons da Schaffer. O mesmo pode se dizer sobre a luta dos direitos civis nos Estados Unidos, explorada na *Gazeta do Povo* com tamanha paixão que, de tanto ler, só faltava alguém dizer que tinha encontrado Martin Luther King na esquina das Marechais. (FERNANDES; SANTOS, 2010, p.122)

Novamente ao se referir a luta pelos direitos civis dos negros americanos, enfatizam que a causa foi abraçada pela *Gazeta* “com tamanha paixão que levou o assunto à capa, por edições seguidas, cá entre nós, fazendo uma das

coberturas mais cativantes de sua história. Só faltou organizar uma excursão para “A grande marcha de Washington”.”(Ibid, p.155)

O destaque da cobertura jornalística para os assuntos norte-americanos não se resume a identificação e paixão com as causas sociais. O levantamento realizado em 220 periódicos revelou que 137 das manchetes principais publicadas em 1968, priorizaram os acontecimentos internacionais e destas, pouco mais de 59% valorizaram iniciativas e realizações desencadeadas pelos Estados Unidos. Os resultados da pesquisa documental foram analisados com base nas teorias do jornalismo e da memória.

O jornal *Gazeta do Povo* é fundado em 1919, em Curitiba. Em 1962, em meio a muitas crises, é adquirido por dois sócios, ambos advogados. Entre inúmeros acontecimentos registrados diariamente durante os 90 anos de existência da *Gazeta do Povo*, os autores Fernandes e Santos (2010), destacam como figura central da narrativa, Francisco Cunha Pereira, um dos sócios que, junto com Edmundo Lemanski, passa a comandar a empresa jornalística num ritmo muito particular.

Chamado de *publisher*, o sócio Francisco é apontado como o responsável não só pelas mudanças imediatamente implementadas no jornal, no aspecto gráfico e editorial, mas também em toda a imprensa paranaense a quem é atribuído o poder de civilizar a prática jornalística no Paraná: “Mas enquanto o estilo Cunha Pereira se impunha civilizando a imprensa paranaense, repórteres permaneciam sem superego a lhes pôr freios [...]” (Ibid., p.114) Os autores se referem, em particular, à falta de limites e linguajar chulo e agressivo utilizado sem cerimônia pelos repórteres da cobertura policial. Os “chavões, adjetivos, advérbios”, e textos pessoais que transbordavam as edições “implicantes e irritadiças” que caracterizou o jornal no período anterior, vão sendo eliminados. A cobertura

provinciana e ranzinza dos problemas da cidade, dão lugar a um novo jornalismo, “algo bem próximo do jornalismo cívico”. (Ibid., p.173)

Investigar o jornal *Gazeta do Povo* durante a ditadura militar instaurada em 1964 permite, entre outros aspectos, conhecer as práticas jornalistas deste período, verificar o recorte do registro histórico social que se faz presente em suas páginas, e ainda, identificar as relações existentes entre a empresa jornalística e o poder instituído. A escolha e apresentação dos fatos marcantes de 1968, e a sua publicação como manchetes principais de primeira página, envolve um processo contínuo e amplo de tomada de decisões.

O jornalismo, ao definir sua pauta e o que é notícia, seleciona entre inúmeros acontecimentos, aqueles que farão parte da memória futura. Definir o que é notícia tem sido um desafio. Lustosa (1996, p.31), por exemplo, entende notícia como informação tecnicamente elaborada e que contém “tudo aquilo que desejamos saber para ter condições de fazer uma avaliação mais objetiva da realidade.” Ele observa que a notícia por ser um relato ou descrição de um fato, feito de uma maneira particular, vai fornecer para seu público uma informação parcial, ao transcrever apenas uma “parte do fenômeno social, como ainda por impor uma visão pessoal do narrador ou redator da notícia, dentro das óbvias restrições e imposições do veículo”.(id.)

Para Bahia (1990), como qualquer informação jornalística, a notícia deve reunir requisitos essenciais como interesse, importância, atualidade e veracidade. O autor considera que elementos como interpretação, investigação, opinião, também podem ser acrescentados à notícia. Entretanto, ressalta que os critérios de produção, seleção e organização das notícias são subjetivos.

Amaral (1987, p.60) apresenta a notícia jornalística como “informação atual, verdadeira, carregada de intêresse [sic] humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas”. “A boa informação deve reunir quatro qualidades: ser *interessante* (fugir à banalidade quotidiana), *abrangente* (interessar ao maior número possível de pessoas), *nova* e *verdadeira*, relaciona o autor.” (Id, 1997, p.41).

Mais do que a aspectos técnicos, a notícia atende a interesses empresariais que extrapolam os critérios de noticiabilidade, prioridades sociais e até econômicas. São muitos os fatores que afetam diretamente a atividade jornalística e comprometem a realização do trabalho com isenção. Os atrelamentos do jornal, de seus proprietários ou diretores, com grupos de poder dentro da sociedade, interferem diretamente nas decisões de pautas. A dependência de verbas publicitárias para sobrevivência do veículo, mostrou-se, ao longo da história, incompatível com a informação de qualidade e o compromisso com o leitor. Órgãos públicos e privados lançam mão das verbas como instrumento de negociação de espaços, publicação de notícias favoráveis, omissões e silêncios quando julgam ser necessário.

Segundo Barbosa (1995, p.86), o jornalismo “é responsável pela seletiva reconstrução histórica deste presente”. Maurice Halbwachs (1990) trabalha a memória como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Memória é, portanto, a reconstrução do passado que se processa a partir do presente, é a reelaboração deste passado numa perspectiva atualizada. Como não é possível tudo lembrar, é necessário a realização de um processo de seleção.

O jornal, enquanto espaço de memória tem a propriedade de conservar, ainda que fragmentadas, certas informações. Barbosa (1995, p.88) ressalta que o jornal, ao

selecionar fatos, “ao relegar outros ao esquecimento, ao escolher a forma da sua narrativa, ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial a dialética lembrar/esquecer.” De acordo com a autora, aos fatos que devem ser “imortalizados”, contrapõem-se os que devem ser “relegados ao esquecimento”.

A apresentação de um panorama de alguns dos acontecimentos reconhecidos pela historiografia como marcantes no ano de 1968, possibilita, posteriormente, averiguar quais fatos se fizeram presentes nas manchetes principais da *Gazeta do Povo*.

1968 no Brasil e no mundo

No dia 14 de dezembro de 1968, o jornal paranaense *Gazeta do Povo* publica a manchete *Costa decreta Ato Institucional nº 5*. Logo abaixo do título, apresenta o AI-5 na íntegra e também o Ato Complementar nº 38, através do qual o presidente militar Costa e Silva decretou o recesso do Congresso. Essa notícia marca o agravamento da repressão política no país e o controle governamental sobre a sociedade civil, por meio da supressão das garantias individuais. Somente de março a outubro de 1968, época das grandes passeatas e protestos do movimento estudantil, Miranda e Tibúrcio (2008) informam que 11 pessoas foram mortas em manifestações de rua (não somente estudantes), baleadas por agentes policiais e membro de grupos paramilitares de direita.

Marcondes Filho (2009, p. 29) ao tratar da ditadura militar de 1964 registra dois momentos distintos vividos no regime de exceção. No primeiro, a preocupação dos militares estava “em mudar a fachada *política* do Brasil ou o estilo político que se praticava no país, acabar com o janguismo”. Este período está delimitado entre o golpe de 1964 até o final de 1968.

O segundo momento tem início com o Ato Institucional nº 5, decretado em 13 de dezembro de 1968, que dá amplos poderes ao regime militar, podendo o presidente, por exemplo, decretar recessos parlamentares, intervenção em Estados e Municípios, suspender direitos políticos, cassar mandatos, confiscar bens de empresas ou de pessoas suspeitas de enriquecimento ilícito no exercício de funções públicas e suspender garantia de *habeas corpus*. Segundo o decreto, os atos praticados em conformidade com o AI-5 não poderiam ser apreciados judicialmente.

Entretanto, desde os primeiros dias do regime militar, ocorreram mortes em manifestações de ruas, ou após prisão e tortura. As mortes pela repressão política, ocorridas após o golpe de 1964, e a edição do AI-5, em dezembro de 1968, atingem militares nacionalistas, sindicalistas urbanos ou rurais, manifestantes de rua e apoiadores do governo deposto. “Militantes do PCB e brizolistas foram os mais atingidos. Em 1968, predominam os estudantes abatidos nas ruas, nas manifestações”. (MIRANDA; TIBÚRCIO, 2008, p.43)

Marcondes Filho (2009) destaca que as vozes marcantes que protestaram contra a ditadura desde o seu início, foram a dos movimentos estudantis, seguidas de manifestações artísticas e culturais. Esta é uma característica do ano de 1968, as crescentes passeatas e protestos estudantis que tomaram conta de vários países da Europa, América e até mesmo Japão. As universidades foram o palco das maiores manifestações. “Elas reproduziam a sociedade da época – autoritária, conservadora, fechada e estratificada – e também concentravam os “revolucionários”, jovens que tinham acesso a informações e discussões internacionais”. (BUENO, 2008, p.58)

A Guerra dos Estados Unidos contra o Vietnã desencadeia protestos por todo o mundo. No Japão, Alemanha, França, estudantes lutam para ou “impedir o

envolvimento do seu país no conflito”, ou, “contra a política norte-americana de guerra no sudoeste asiático” (VALLE, 1999, p.22). Couto (1999, p.19) aponta que a grande efervescência que tomou conta do mundo, se deve, em partes, “(...) a propagação das idéias libertárias do maio de 1968 francês, movimento de origem estudantil que quase desestabiliza o governo do general Charles de Gaulle”. No dia 20 de maio, cerca de seis milhões de trabalhadores franceses entraram em greve. A mobilização que teve início com estudantes e atingiu outros setores sociais, chega ao ápice: a França é paralisada, fica sem transporte público, sem telefonia e outros serviços.

Na Espanha e Itália a luta era contra o autoritarismo social, na Tchecoslováquia e Polônia, contra o domínio soviético. Quando a URSS invade a cidade de Praga, em agosto de 68, em resistência aos tanques soviéticos, se ouve apenas os protestos dos estudantes. Na América Latina, as lutas estudantis estão presentes na maioria dos países: Argentina, Bolívia, Chile, Guatemala, Peru, Uruguai. Em outubro de 68, no México, 500 estudantes são mortos pelas forças da repressão. No Brasil, estudantes saem às ruas contra a ditadura e o imperialismo norte-americano.

Mattos e Swensson (2003, p.29) reforçam que no Brasil, “o movimento estudantil representa a força mais bem articulada no período” e, partindo dos grandes centros, avança em território nacional. Um dos acontecimentos mais marcantes da repressão policial ao movimento estudantil ocorreu no dia 28 de março de 1968. Durante uma manifestação em frente ao restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, soldados da Polícia Militar dispararam tiros contra os cerca de dois mil estudantes ali reunidos. Um dos tiros atingiu o estudante secundarista Edson de Lima Souto, de 17 anos, que morreu na hora.

O movimento se expande e começa a mobilizar parcela da população, indignada com a violência policial que resultou na morte do estudante secundarista. As manifestações estudantis se estendem por todo o país, também aumentam as repressões e o emprego da força por policiais militares. Mesmo com a proibição das passeatas e manifestações, os estudantis contrariam o governo e saem às ruas no dia 1º de abril, aniversário do golpe e 1º de maio, em apoio à luta operária. Nas principais capitais brasileiras, a imprensa dá destaque à cobertura do movimento estudantil.

Antecedendo a Passeata dos Cem Mil, ocorre no dia 21 de junho a Sexta-Feira Sangrenta, episódio que envolve estudantes e civis numa verdadeira batalha contra policiais armados e disparando em meio à multidão, tiros, gás lacrimogênio e pancadaria. Estudantes respondem com pedras e paus, e a população atira do alto dos prédios vários objetos, um deles causa a morte de um policial. O estudante Manoel Rodrigues Ferreira é baleado na “Sexta-Feira”, e morre.

Em 1964, a Igreja, em declarado apoio aos organizadores do golpe, mobilizou a classe média contra o governo João Goulart, e promoveu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Segundo Kucinski (2001) quando a Igreja optou por se posicionar a favor das lutas populares, fez com que a vigilância policial existente desde 1965, sobre determinadas alas do clero, se intensificasse. A “conversão” (grifei) da Igreja às causas populares, afeta diretamente a capacidade de sustentação ideológica do regime militar.

Novas violências e inúmeras prisões fizeram com que os protestos se alastrassem pelo país. O movimento sindical neutralizado com o golpe de 64 começa a rearticular-se e, em 1968, ocorrem duas grandes greves contra a política de arrocho salarial do governo federal: no mês de abril, 15 mil operários param as

atividades em Contagem (MG), e, em julho, 10 mil trabalhadores aderiram à greve em Osasco, na grande São Paulo.

Em outubro, outro estudante seria morto, na Faculdade de Filosofia da USP, atacado pelo “Comando de Caça aos Comunistas” e estudantes direitistas. Os comunistas, surpreendidos pelo golpe de 1964 e colocados na clandestinidade, começavam a se rearticular, buscando alguma forma de atuação. Fico (Ibid, p.60) relata que em dezembro de 1967, a ALN - Aliança Nacional Libertadora -, de Carlos Marighella, “iniciou uma onda de assaltos a bancos, com o propósito de levantar recursos para sustentar a organização.”

Segundo Silva (2004), esse seria outro acontecimento marcante de 68: o surgimento do terrorismo urbano no Brasil. O primeiro foi o AI-5. São constituídas várias entidades com diferentes siglas e chefes diversos. Para o autor, atos de terrorismo urbano implicavam em sequestros, assaltos a banco, atentados pessoais e depredação de edifícios “Os presos são torturados física e psicologicamente. Registram-se dez sequestros [sic] de aviões e quatro sequestros de pessoas.” (Ibid.,p.131) Um antigo capitão americano, Charles Chandler, foi assassinado, em São Paulo, a 12 de outubro.

À intensificação das atividades oposicionistas o regime reagiu com violência. Em outubro, um congresso clandestino da UNE invadido pela polícia resultou na prisão de 739 dirigentes estudantis de todo o país. Destes, 44 eram do Paraná, o que motivou uma passeata na capital do estado, reunindo 600 estudantes em protesto à prisão dos colegas que participavam do congresso e contra o imperialismo norte-americano.

Das janelas dos prédios, a população paranaense aplaudia e lançava papel picado em apoio aos manifestantes. Quatro dias depois, os estudantes se mobilizam

novamente. A polícia tenta impedir a ação do movimento e uma verdadeira batalha é travada nas ruas. “1.500 estudantes com cartazes, paus e pedras. 1.200 homens da Polícia Militar nas ruas centrais, além de 600 de prontidão, 40 viaturas, entre carros-choque, ambulâncias, jipes e caminhões. Soldados armados com cassetetes, bombas de gás lacrimogêneo e de gás laxante”, esse é o cenário descrito por Teresa Urban (2008, p.205), sobre o confronto entre estudantes e policiais que contavam ainda com a cavalaria. No dia 20/10/1968, o jornal *O Estado do Paraná* estampava em suas páginas várias fotos do confronto que, após muita perseguição pelas ruas e estabelecimentos, resultou na prisão de 22 estudantes.

Apresentar e relacionar alguns acontecimentos que marcaram o Brasil e o mundo em 1968 atende o propósito de verificar em que medida esses assuntos mereceram destaque na primeira página do jornal paranaense *Gazeta do Povo*, com sede em Curitiba, capital do estado. A jornalista Teresa Urban (2008, p.55) apresenta um panorama da cidade neste ano: “Em 1968, Curitiba tem pouco mais de 500 mil habitantes e dez mil estudantes universitários.” A autora aponta algumas das reclamações da imprensa: estacionamento em fila dupla e vacas atrapalhando o trânsito da capital paranaense.

Agências de Notícias

Em maio de 1968, policiais militares invadem o centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Eram cerca de 500, e os estudantes em torno de 1.200. Em plena ditadura, universitários protestavam contra a cobrança de mensalidades. No local, o fotógrafo Edson Jansen, do jornal *O Estado do Paraná* conseguiu congelar um dos momentos mais marcantes do confronto: um jovem com um estilingue enfrenta militares à cavalo. A imagem rendeu ao fotógrafo o



Prêmio Esso. O jovem da foto era o estudante de medicina José Ferreira Lopes, que com o AI-5 teve de ir para a clandestinidade.

Teresa Urban (2008, p.135) relata os acontecimentos:

O assunto mais importante dos jornais de Curitiba de quarta-feira, 14 de maio, ainda é a batalha de domingo no Centro Politécnico. Entre fotos da pancadaria, uma nota informa: “Governo encontra solução para a crise estudantil na engenharia” Diz a notícia que, num encontro realizado à noite do dia 13, entre lideranças universitárias e o governador, “ficou deliberado que o governo do estado subvencionará o pagamento das mensalidades dos estudantes de engenharia durante dois meses”.

O que motivou o confronto entre policiais e estudantes foi o protesto contra uma resolução do então reitor da universidade Federal, Flávio Suplicy de Lacerda (ex-ministro da Educação do general Humberto de Alencar Castelo Branco), determinando a cobrança de anuidade do curso noturno de Engenharia, recém-criado. A batalha ocorre no domingo, Dia das Mães, 12 de maio. No dia 14, estudantes invadem a reitoria, e o busto do reitor que estava fixado no hall de entrada é arrancado e arrastado pelas ruas da cidade.

O assunto mais importante de um jornal além de ocupar a primeira página, aparece em destaque na manchete principal. E no dia 14 [é uma terça-feira] o jornal *Gazeta do Povo* publica a manchete internacional: *Posições rígidas nas negociações em Paris*, no dia 15, *Gôverno[sic] reexaminará a Lei do Inquilinato*, dia 16, *EUA oferecem condições para a paz*, e dia 17, *Terremoto assola norte do Japão*. No processo de seleção e avaliação do jornal, essas informações foram

consideradas mais relevantes, a ponto de merecerem ocupar o espaço “nobre” (grifei) da *Gazeta*, em detrimento das manifestações estudantis locais e confrontos com a polícia.

Não por acaso, no mês de maio, outras 17 manchetes internacionais foram destaque na *Gazeta do Povo*. Fernandes e Santos (2010, p. 126) ao mesmo tempo em que falam dos “empecilhos logísticos” para publicar notícias do Brasil e do Mundo, nas décadas de 1960 e 1970, destacam que em 1963, era possível fechar edições inteiras com material que vinha dos Estados Unidos. Em 1968 isto é um fato. As manchetes internacionais e nacionais são, quase na sua totalidade, provenientes de agências de notícias.

Ao lado de repórteres, correspondentes, enviados especiais e sucursais, as agências de notícias, nacionais ou internacionais, têm em comum a função de buscar informações para, posteriormente, distribuir entre os veículos de comunicação. De acordo com Amaral (1987, p.64), as agências “fornecem informações por atacado, constituindo-se nas grandes provedoras dos jornais [...]”.

As grandes agências internacionais que dominam o mercado na década de 1960 são: Associated Press (AP – EUA), United Press International (UPI - EUA), Reuter (Grã-Bretanha) France Presse (FP - França) e TASS (URSS). Juntas, as grandes agências atendem cerca de 30 mil assinantes, entre empresas jornalísticas, rádios, TV's, revistas e empresas públicas e privadas, espalhadas pelos cinco continentes. Às vezes, as agências nacionais trabalham em parceria com as internacionais. As primeiras têm a função de captar e distribuir informações dentro de seus países, mas fornecem notícias prontas para divulgação às agências internacionais. E destas, recebem informações do exterior.

As principais críticas dirigidas à influência das agências sobre veículos nacionais de comunicação se referem à falta de estilo, de ousadia e padronização dos assuntos apresentados. Outra questão é o controle exercido sobre a informação política.

Privadas, estatais ou independentes, Amaral (1987, p.164) alerta: “Manipulam, de acordo com os interesses dos países a que pertencem, notícias e comentários de todos os tipos, do lançamento de modas para a próxima temporada à discussão entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre [sic] o uso de armas atômicas”.

Estudos realizados por Béltran e Cardona (1982) sobre a relação de domínio que se estabelece entre os Estados Unidos e países da América Latina, alertam que a comunicação desempenha um papel decisivo para a consolidação dos interesses norte-americanos. Os Estados Unidos são apresentados como o “país forte”, o que exerce o domínio sobre os “países fracos”, daí provêm o termo imperialismo norte-americano, tão utilizado nos protestos desencadeados por movimentos estudantis no mundo todo. Esse domínio se dá nos campos econômico, político e cultural, sempre de forma desigual e de desvantagem para a América Latina.

Os pesquisadores (id.) explicam que a influência cultural norte-americana chega até a América Latina via agências internacionais de notícias, agências internacionais de publicidade, firmas internacionais de opinião pública, pesquisa de mercado e relações públicas, e as corporações comerciais transnacionais que atuam como anunciantes.

“Pelo menos dois terços das notícias relativas à região [AL] estão à cargo da UPI e da AP, abarcando todos os sentidos do fluxo: da América Latina para os Estados Unidos e o resto do mundo, e vice versa, assim como *dentro* da mesma

região. Em quase todos os países latino-americanos, as principais agências publicitárias dos estados Unidos controlam a maior parte da propaganda das corporações transnacionais por meio de subsidiária ou através da filiação das principais agências locais ao seu sistema; e a maior parte dos estudos de mercado e opinião pública na América Latina é realizada por firmas norte-americanas ou suas filiais locais.(BÉLTRAN;CARDONA, 1982, p.29)

Amaral (1987, p.124) afirma que a condenação pelo excesso de noticiário estrangeiro na imprensa dos países periféricos se deve ao preterimento do noticiário local pelo estrangeiro. Como consequência, fontes de boa informação são abandonadas por todo o país, e notícias que interessam à população, deixam de ser publicadas.

O aproveitamento diário das notícias produzidas e lançadas no mercado brasileiro pelas agências noticiosas – France Presse, United Press International, Associated Press, Reuters, Ansa e outras – é considerado grande. “Na grande maioria dos chamados grandes jornais brasileiros, a seção ou a editoria internacional não passa de selecionadora e montadora de notícias enviadas pelas agências.”(Ibid., 126) Os jornais se restringem comodamente as coberturas das agências estrangeiras, sem fazer nenhum tipo de interferência ou complementação das informações.

Destaques de primeira página

Ao investigar os assuntos que estamparam as manchetes principais do jornal paranaense *Gazeta do Povo*, no ano de 1968, o tom de neutralidade do veículo, uma de suas características marcantes, imediatamente se apresenta nos títulos

das notícias. O título deve resumir a notícia, destacar a sua importância e despertar o interesse imediato do leitor para a busca de mais informações. Sintetiza Bahia (1990, p.47): “ [...] o título anuncia o fato, resume a notícia e embeleza a página [...]”.

Amaral apresenta a seguinte definição:

O título é a designação que se põe acima da matéria, chamando a atenção do leitor para a mesma, de forma objetiva, clara, apelativa, resumida, capaz de prender qualquer um que lhe ponha os olhos e de levá-lo ao texto. A sua idéia é a idéia central, a mais jornalística possível do assunto que êle assinala. (AMARAL, 1987, p.86)

Bahia (1990) explica que, enquanto a pequena notícia é que dá corpo ao noticiário comum dos veículos, a grande notícia é sempre a base da manchete, da novidade, do destaque, da reportagem. E são as notícias que reúnem essas características que acabam selecionadas para primeira página. “A proximidade que faz a notícia local ou nacional ser mais importante para determinados leitores que a notícia internacional deve ser considerada pelo veículo como base de sua penetração e de seu perfil” (BAHIA, 1990, p.39).

A primeira página de um jornal apresenta aos seus leitores uma síntese atrativa do que se encontra dentro dos cadernos. A manchete principal sempre significou a notícia mais importante, relevante e que vai atender aos interesses de informação do leitor. O título deve causar impacto e exercer a dupla função de informar e atrair. Para Amaral, qualquer observador pode julgar um jornal por seus títulos.

Ao questionamento do que é mais importante e o que deve ser publicado em um jornal, Dines (1986) pondera que faz parte do jornalismo a “procura incessante do novo”. Diante da impossibilidade de um jornal levantar todos os fatos novos, o autor propõe, primeiramente, verificar a quem se destina o jornal. “O grau de importância de um assunto é primariamente fornecido pelas características do leitor que compõe o perfil da audiência do veículo” (DINES, 1986, p.95). O autor considera que o princípio básico que motiva o leitor é a sua identificação com o jornal, e reconhece que esse leitor não absorve grandes quantidades de informação. “A fórmula para um jornalismo realista é, primeiro saber quem é o público leitor e, a partir deste, o que publicar”. (id.)

Ainda de olho neste público surge a preocupação com a qualidade das informações somada à atratividade, ou seja, a forma como chega até o leitor. Esta inclusive foi uma das questões que a modernização gráfica e editorial desencadeada a partir de 1950, sobretudo na imprensa carioca, procurou resolver. O planejamento visual do jornal, chamado de espelho ou esboço é a composição da edição impressa, e consiste na distribuição de notícias, fotos, títulos, linhas, colunas nas páginas do periódico. Quem faz este trabalho é o diagramador seguindo a orientação editorial adotada pela empresa. Amaral (1987) ressalta os fatores que devem ser considerados na confecção do espelho: o valor informativo em primeiro lugar, a legibilidade da página, a beleza (função atrair leitor), e o estilo, que dá personalidade ao jornal. Quanto ao valor informativo, esclarece o autor:

É o mais importante e ao qual todos os demais se subordinam. Cada lugar na página tem um valor específico ligado à maior ou menor facilidade com que o leitor chega à matéria. A primeira metade do jornal é mais importante do

que a segunda, o lado direito mais do que o esquerdo, o lado superior esquerdo mais do que o ventre. (Amaral, 1987, p.68)

Isso significa que a distribuição das notícias, o tamanho dos títulos, a localização de colunas, notas, fotos e demais elementos presentes em um jornal, longe de estarem dispostos de forma aleatória nas páginas, atendem as funções de facilitar a leitura, apresentar um visual atrativo, dar identidade ao jornal e sinalizar para o seu público que, no alto da página está o assunto mais importante do dia. O planejamento finaliza o processo que se inicia com a produção e seleção, ou seja, a valorização de determinados assuntos em detrimento de outros.

Em 1968, o planejamento visual do jornal *Gazeta do Povo* ainda não segue uma padronização fixa. O número de colunas sofre variações a cada edição, e a falta de identificação das notícias, na primeira página, é comum. Os créditos podem ser encontrados no interior dos cadernos. Na primeira página, é possível observar que o jornal procurou manter um equilíbrio quanto ao número de publicação de assuntos nacionais e internacionais. Por exemplo, a edição de 4/7/1968, traz como notícia principal: *Govêrno libera passeata na Guanabara*, na sequência aparecem intercalados os assuntos internacionais e nacionais. Entretanto, os espaços destinados às notícias internacionais quanto ao tamanho das colunas, fotos, destaque dos títulos não são os mesmos adotados para as nacionais. Essa prática de destaque e valorização do material internacional se repete em várias edições. Mesmo assuntos de média relevância são apresentados em títulos invariavelmente maiores com mais negrito.

Foram pesquisados 220 exemplares da *Gazeta do Povo* do ano de 1968. A análise das primeiras páginas revelou que 137 manchetes principais, foram ocupadas por assuntos internacionais e 83 nacionais. Isto significa que 60,27% das notícias selecionadas para o espaço nobre de maior importância do jornal,

eram estrangeiras, e 39,73 nacionais, não estão aí incluídas as estaduais ou locais.

Entre as internacionais predominaram os seguintes assuntos: 1º - Conflitos no Vietnã e discussões de guerra e paz (41 manchetes); 2º - EUA e relação com outros países (eleições americanas, viagem à lua, guerra do Vietnã, impasse com a URSS, acordos com o Brasil na questão do café solúvel, 40 manchetes); e, 3º - Crise Europeia (destacando a França em 1º, com 19 manchetes; em seguida Tchecoslováquia com 12; e, Itália, Londres e Portugal, somam 8 manchetes). Entretanto, quando se considera que a guerra do Vietnã envolve diretamente os EUA, e que os textos distribuídos por agências internacionais americanas reproduzem a versão norte-americana dos fatos que passam a dominar o noticiário, o número de vezes em que os Estados Unidos ocupam a primeira página salta para 59,12%, do total de 137 manchetes internacionais.

Relacionar o número de manchetes internacionais e nacionais publicadas mês a mês, possibilitou dimensionar o quanto é superior, numericamente, a presença de informações produzidas no exterior, ocupando o principal espaço da primeira página da *Gazeta*. No mês de janeiro, por exemplo, das 25 edições que circularam, 22 estamparam em suas manchetes principais, os temas internacionais, essa perspectiva se mantém no mês de março (21 manchetes internacionais e seis nacionais), e, novembro, o mês que antecede a decretação do AI-5, totaliza o maior número de manchetes principais internacionais durante o ano (22 internacionais e 3 nacionais).

A exceção ocorre nos meses de junho e julho. Em junho são publicadas 15 manchetes com assuntos nacionais e 10 internacionais e, em julho, são 18 nacionais e oito internacionais. Em dezembro as nacionais superam em poucos números as internacionais que, a partir do dia 20, passam a ocupar o principal

espaço na primeira página com informações sobre a viagem ao espaço. As agências internacionais: UPI (é responsável pela maior parte do material publicado), Transpress, Ansa, UPI-Ansa, assinam as notícias que chegam do exterior.

Em relação às manchetes nacionais, do universo de 83 que ocuparam lugar de destaque, 66 se referem às decisões do governo federal (aumento da gasolina, do aluguel, do salário mínimo, arrocho salarial, abono salarial, declarações sobre as crises, sobre as manifestações estudantis, advertências, proibições, anúncios de programas, etc.). Entre as 66, sobressaíram 21 manchetes que apresentam no título, o nome do presidente Costa e Silva, ou suas iniciais. Por exemplo: *Costa dá nova orientação à agricultura* (edição de 20/1/68); *CS assegura diálogo e condena agitação* (edição de 26/6/68); e, *Costa e Silva defende Ordem e Paz* (edição de 6/12/68).

Os meses de junho e julho dedicam maior espaço às informações nacionais devido ao aumento dos protestos estudantis que resultaram em frequentes confrontos violentos com a polícia. Isto não significa que os estudantes conquistaram mais espaço nas publicações em virtude dos confrontos, mas sim, que este foi preenchido com a versão oficial do governo. Em junho, seis manchetes se referem diretamente aos movimentos estudantis (por exemplo: *Estudantes invadem Reitoria paulista*, em 13/6/68; *Recrudescer conflito estudantil na GB*, em 21/6/68) e, em julho, apenas uma menção (*Passeata estudantil pode trazer sítio*, em 3/6/68). A aderência à versão governamental sobre as manifestações é total.

As notícias nacionais são assinadas pela AJB - Agência Jornal do Brasil. O primeiro caderno da *Gazeta do Povo*, editoria de política, apresenta quase na íntegra o material proveniente da AJB, além de reproduzir as colunas do Castello e Coisas da Política Nacional. Quando outros colaboradores e articulistas passam

a integrar a equipe do *Jornal do Brasil*, também despontam nas páginas da *Gazeta*. As matérias nacionais são, portanto, produções de agência de notícia com pouca ou nenhuma participação do jornal em desdobramentos da informação com contextualização local, por exemplo. Em manchetes secundárias de primeira página é possível observar a apresentação de textos dos colunistas e articulistas do *JB*. Não raro aparece na sequência das chamadas de capa [textos breves que apresentam o conteúdo da informação que continua no interior do jornal] a indicação: “maiores detalhes – Coluna do Castello e Coisas Política Nacional – Página 3, Noticiário – Página 5”.

A leitura das manchetes principais e a enumeração das mesmas com os respectivos assuntos, evidencia a acomodação do jornal diante da produção das agências de notícias. Do exterior, a guerra fria sendo vencida pelos Estados Unidos, o comunismo combatido com todo o “efetivo americano”, entre bombas e combates sangrentos a discussão de paz se arrasta no Vietnã, ao mesmo tempo que em aumento número de soldados americanos naquele país. No Brasil, no mês de setembro *CS nega divergências com a juventude*, em novembro *Propõe 20% de aumento ao barnabé*; e em dezembro, decreta o AI-5.

Fernandes e Santos, (2010, p. 123) na reconstrução da história da *Gazeta do Povo* afirmam: “Em outras palavras, tudo o que se aprendeu a acreditar sobre os anos 1960 está impresso no jornal.” Segundo Barbosa (1995, p.87), os meios de comunicação, ao selecionar o que vai ser notícia ou não, o que vai se editado com destaque ou não, “estão procedendo à criação do próprio acontecimento.”

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são

reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p.422)

Andreas Hyssen (2000, p.18), ao analisar a expansão da cultura da memória atribui à mídia a responsabilidade “por fazer a memória ficar cada vez mais disponível”. Em suas reflexões sobre a grande disseminação da memória, provocada pela obsessão pelo passado, e a criação, em nome da preservação desta mesma memória, de espaços públicos, culturais e comerciais, observa que, “(...) muitas das memórias comercializadas em massa que consumimos são memórias “imaginadas” e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que as memórias vivas.” (id.) Para o autor, memória é apenas uma forma de esquecimento, e, esquecimento é memória escondida. “Se nós estamos, de fato, sofrendo de um excesso de memória, devemos fazer um esforço para distinguir os passados usáveis dos passados dispensáveis.” (Ibid., p. 37)

As manchetes principais de um jornal impresso destacam, em espaço nobre, os acontecimentos que devem ser imortalizados. A fragmentação da construção noticiosa proporciona a elaboração de uma realidade imaginada, muitas vezes desejada. A afirmação de Dines (1986, p. 124) de que o “jornal é o fragmento da história e da memória de um país”, propõe uma reflexão sobre esse emaranhado de assuntos que ocuparam o espaço principal do jornal, em detrimento de assuntos estaduais e locais. Durante o ano de 1968, duas notícias do Paraná estamparam as manchetes principais: em 25 de junho, *Governador apóia paranaense no Supremo*, ocupa três grandes colunas e acompanha foto do governador Paulo Pimentel; e, 24 de setembro, *Erosão causa destruição em Guaratuba*, também com foto.

A estratégia para não deixar de falar no assunto é dar pequenas notas, publicá-lo em locais pouco visualizados, ou em meio a um aglomerado de informações. É o

que ocorre com a manchete da edição de 26 de junho – *CS assegura diálogo e condena agitação*. Uma foto à esquerda traz o título *Protesto em Curitiba*, seguido do texto legenda: *Concentração e comícios relâmpagos foram realizados ontem pelos estudantes curitibanos em solidariedade aos colegas do Rio e S. Paulo*. Outra foto, mas agora com o título: *Protesto em Washington*, o texto fala da manifestação “*Marcha contra a Pobreza*”, do saldo de 356 pessoas presas e do toque de recolher. Lado a lado, os protestos de Curitiba e de Washington, confundem o leitor na medida em que sugerem, na apresentação, um tratamento igualitário. Não há hierarquização, nem distinção entre os dois fatos. São simplesmente postados na página.

Amaral (1987) destaca que a publicação de informações de outros países eleva o jornal a um novo *status*, ele deixa de ser provinciano, e ganha ares de grande publicação nacional e internacional. Por outro lado, há o aspecto econômico. A cobertura com a mínima qualidade de um noticiário local requer jornalistas, fotógrafos, carros disponíveis, e acima de tudo, dificilmente apresenta problemas ou aborrecimentos para a empresa jornalística.

Um noticiário de qualidade informativa, com notícias bem apuradas, só é possível se há liberdade da empresa e ausência de compromissos entre o jornal e órgãos governamentais. Essa é uma das razões que levam o dono da empresa a preferir “o noticiário barato, que não dá preocupações” (o internacional), em detrimento “do caro e cheio de problemas”. (AMARAL, 1987, p.124)

É importante ressaltar que não se trata de depreciar uma notícia apenas porque é do exterior, mas de evidenciar que o excesso de noticiário internacional e mesmo nacional produzido por agências tem o efeito de transformar a sociedade em mero espectador dos acontecimentos mundiais. Recuperando Marcondes Filho (1989), “atuar no jornalismo é uma opção ideológica”. E no ano de 1968, nada acontece



no mundo sem que haja a interferência direta ou indireta dos Estados Unidos, “país forte”, que toma decisões enérgicas e sabe controlar conflitos. Esta é uma das histórias contadas pelas manchetes internacionais de primeira página do jornal paranaense *Gazeta do Povo*, espaço dominado pelo país norte-americano. Outra versão mostra que o mundo está em conflito, e o que ocorre aqui, é insignificante perto da crise da francesa ou das ameaças sofridas pela Tchecoslováquia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral, L. (1987). *Técnica de Jornal e Periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Amaral, L. (1997). *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Bahia, J. (1990). *Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo*. São Paulo: Editora Ática.
- Barbosa, M. (1995, jul/dez). *Senhores da Memória*. Intercom. *Rev.Bras. de Com.*, XVIII (2). S. Paulo.
- Béltran, L. R., Cardona, E. F. de. (1982). *Comunicação Dominada: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*. Kramer, P. R. da C. (trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bueno, C. (2008, Oct.). 1968 Comunidade Científica Repensa Momento que Mudou a Sociedade. *Revista Ciência e Cultura*, 60 (4), pp. 58-59. São Paulo.
- Couto, R. C. (1999). *Memória viva do regime militar – Brasil: 1964-1985*. Rio de Janeiro: Record.
- Fernandes, J. C., Santos, M. R. dos. (2010). *Todo dia nunca é igual: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo*. Curitiba: Editora Gazeta do Povo.
- Fico, C. (2001). *Como eles agiam*. Rio de Janeiro: Record.

- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice.
- Hyssen, A. (2000). *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Kucinski, B. (2001). *O fim da ditadura militar*. São Paulo: Contexto.
- Lustosa, E. (1996). *O texto da notícia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Marcondes Filho, Ciro. (1989). *O capital da notícia: Jornalismo como produção social de segunda natureza*. São Paulo: Editora Ática.
- Mattos, M. A. V. L. de., & Jr Swensson, W. C. (2003). *Contra os inimigos da ordem: a repressão política da ditadura militar (1964-1985)*. Rio de Janeiro: DP&A,
- Silva, H. (2004). *O Golpe de 64: 1969-1974. História da República Brasileira, vol. 19*. São Paulo: Editora Três: Editora Brasil 21.
- Urban, T. (2008). *1968 Ditadura Abaixo*. Curitiba: Arte & Letra.
- Miranda, N., & Tibúrcio, C. (2008). *Dos filhos deste solo: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar, a responsabilidade do Estado*. (p.36). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Valle, M. R. do. (1999). *1968: o diálogo é a violência. Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas, SP: Editora Unicamp.